



Elaboração do Tesouro de Filosofia Antiga Ágora: etapas e dimensões pedagógicas

André Anderson Cavalcante Felipe ¹

<https://orcid.org/0000-0002-5349-4353>

Marcílio Bezerra Cruz ¹

<https://orcid.org/0000-0002-3988-8487>

Jhoicykelly Roberta Pessoa Silva Cruz ¹

<https://orcid.org/0000-0002-1140-5893>

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil

Resumo: O presente artigo propõe a elaboração de um tesouro de Filosofia Antiga – o Ágora – para ser utilizado como instrumento pedagógico de ensino, no qual o professor de Filosofia do Ensino Médio pode se valer como recurso metodológico para aulas mais dinâmicas e participativas. A problemática se origina das dificuldades inerentes a prática docente no cenário nacional atual, marcado pelas disputas políticas e ideológicas, bem como a completa adoção das novas tecnologias por parte dos estudantes. A pesquisa é de natureza teórica e com abordagem qualitativa, e configura-se, de acordo com os meios e os fins, como bibliográfica e descritiva, respectivamente. Para garantir a estruturação do tesouro de modo a atender o aspecto educacional, foi incluído a teoria da Linguística Textual, bem como as diretrizes de construção de tesouros sob o viés de pesquisadores e das normas internacionais de padronização, como a ISSO. As etapas metodológicas da pesquisa foram divididas em quatro: a seleção e escolha dos recursos bibliográficas; o levantamento dos termos e atribuição de conceitos fundamentais; a etapa de categorização que estrutura os descritores do tesouro; e a utilização do software THESA para a construção do tesouro. A conclusão que alcançamos é que o Ágora se revela um poderoso aliado educacional, uma vez que as notas explicativas podem oferecer definições objetivas de conceitos e correntes filosóficas importantes, interligadas a partir de relações lógico-semânticas.

Palavras-chave: Tesouro de Filosofia Antiga; Tesouro Ágora; filosofia do Ensino Médio; elaboração de tesouros; THESA

1 Introdução

A filosofia, no sentido singular do termo, não existe. Ela já nasceu multifacetada, com diferentes pontos de vista e abordagens. Ela sempre promoveu e fortaleceu ideologias, das conservadoras às mais liberais. Nunca existiu imparcialidade em suas discussões: quem a toma, toma sempre em um certo viés; quem a crítica, o faz sempre a partir de uma perspectiva específica. Não se enaltece ou silencia *a* filosofia, mas *uma* filosofia. Democracia, nesse sentido, é mesmo diante da diferença, tornar o diálogo possível entre as múltiplas filosofias. Não existe nada mais antidemocrático do que fender apenas uma, e somente uma, filosofia.

Em tempos de crises (como os nossos), onde se há uma disputa pela hegemonia dos aspectos socioculturais, as ideologias parecem guerrear entre si. Sublinham as diferenças, potencializam as opiniões e instrumentalizam teses para justificar as mais diversas posições, moderadas ou extremistas. Aquilo que justamente torna a filosofia extraordinária, acaba por se tornar a pedra angular das mais diversas barbaridades: silenciam, escravizam e matam em nome de *uma* filosofia, de *uma* verdade, e a forçam admitir que, ao contrário das demais, ela é a única possível; a verdade “revelada”. É sempre possível identificar posições antidemocráticas pela postura que certos indivíduos adotam diante do conceito de “verdade”.

O professor de Filosofia do Ensino Médio possui atualmente uma dupla tarefa: instigar os estudantes a conhecer as múltiplas filosofias e fazê-los entender que todas são igualmente possíveis, apesar das disputas ideológicas que existem entre elas. Em meio a polarização política que se instalou no Brasil hodierno, no qual cada grupo social defende com zelo e devoção suas opiniões e posições políticas, promover tal dialética se mostra uma empreitada homérica, quase impossível, ainda mais sem instrumentos pedagógicos que possam auxiliar-nos nesse processo. O pensamento filosófico, portanto, desfalece diante de tantas ideologias e a sala de aula se torna palco de disputas de ego e poder: “[...] a ideologia não nos dá somente as respostas para o mundo, mas também nos diz ‘o que’ e ‘como perguntar’. É a reprodução da concepção funcionalista da sociedade” (Meucci, Barros Filho, 2010, p. 78).

Um meio para tentar superar esse caráter funcionalista da atividade filosófica é ressaltar as semelhanças em meio as diferenças. Como não existe nenhum pensamento genuinamente inédito na história da filosofia, mas tudo é formado por uma teia de relações conceituais que conectam cada corrente de pensamento, é possível ensinar o que há de comum por trás das múltiplas filosofias: a disposição diante do conhecimento que liga cada pensador e, em especial, o uso crítico e reflexivo que conecta as ideias mais distantes. E isso já pode ser visto no seu nascedouro, entre os gregos, em meio a uma variedade destacada de escolas e correntes que se entrecruzam em meio a consensos e dissensos. Todos são devedores uns dos outros, como opostos que se justificam apenas diante do seu antagonismo.

Ademais, o uso das novas tecnologias se mostra indispensável para a educação dos estudantes, visto que o cotidiano desses jovens se encontra imerso ao universo digital e virtual. Podemos dizer que a pandemia do Coronavírus só acelerou práticas que seriam inevitáveis: o professor do século XXI precisa se reinventar a cada instante, acompanhando a dinâmica volátil que as redes sociais instauram no universo juvenil, se valendo dos seus jogos de linguagem e dos instrumentos digitais que a cada dia se tornam marca decisiva do processo de evolução da educação brasileira:

Observar, processar, compreender as mudanças que têm ocorrido diante do cenário atual apresenta-se como mais um desafio ao professor que busca se reinventar e se atualizar em um limite de tempo muito curto e urgente. Outros desafios que surgiram foram: o suporte tecnológico e acesso à internet aos alunos para participar das atividades remotas e as normatizações dos procedimentos e atitudes (Santos, Oliveira, Soares, 2021, p. 4).

Diante de tal problemática, e levando em consideração as hipóteses supramencionadas, a presente pesquisa propõe a elaboração de um Tesouro de Filosofia Antiga – o Ágora – como instrumento pedagógico no qual o processo do Ensino Médio pode se valer em suas atividades docentes. Essa ideia se originou em meio aos encontros do Grupo de Estudos Nós Platônicos (GNP), realizados de maneira virtual, entre os anos de 2022 e 2023. O GNP é formado por diversos professores e pesquisadores da Filosofia Antiga e outros campos de atuação,

como Biologia, História, Museologia e Ciência da Informação. Dentre as inúmeras questões que foram discutidas durante os encontros, a prática docente se sobressaía, instigando estes autores na elaboração do referido Tesouro.

Todavia, em virtude da diversidade de assuntos relacionados a Filosofia Antiga e frente a complexidade de cada corrente de pensamento encontrada nesse escopo temporal (do século VI a.C. ao século III d.C.), a pesquisa terá como foco apenas as principais correntes que geralmente são trabalhadas nos manuais de História da Filosofia, estendendo para algumas outras que serão de importância capital para o pensamento ocidental: Pré-Socráticos, Sofistas, Platonismo, Aristotelismo, Helenismo e algumas correntes filosóficas do período tardio (Burnet, 2006; Gomperz, 2011, 2013, 2014; Reale, 1993, 1994a, 1994b, 1994c, 1995).

A escolha pela Filosofia Antiga se deu justamente por conta da relevância dos filósofos desse período para os próximos dois milênios, mostrando-se indispensáveis ainda hoje para as questões filosóficas e as práticas científicas. O público-alvo será não apenas os professores do Ensino Médio, a qual o texto realmente se destina, mas também os estudantes de graduação em Filosofia e áreas correlatas, visto a amplitude de correntes oferecidas e as conexões estabelecidas entre os principais autores. O *Ágora* se mostra um instrumento pedagógico por seu caráter informativo ao oferecer a conceituação de posições filosóficas a partir da contextualização histórica de cada pensador. Nesse sentido, é um fortalecedor da Democracia por facilitar a disseminação de múltiplas filosofias e por apresentar dialeticamente a síntese entre as teses mais divergentes.

2 A Filosofia antiga no Ensino Médio

A Filosofia Antiga ocupa um espaço significativo na história do pensamento ocidental: ela teve seu início com Tales de Mileto, no século VI a.C., e se estendeu até o ano de 529 d.C., quando o imperador Justiniano (482-565 d.C.) ordenou o fechamento de todas as escolas “pagãs” e a destruição de suas respectivas bibliotecas. Durante esses mil anos de história, a Filosofia Antiga se debruçou por inúmeros problemas, elaborou diversos conceitos significativos e fez surgir pensadores que marcaram toda a trajetória da humanidade até os dias atuais.

Dentre os principais problemas que envolve a Filosofia Antiga, a questão ontológica sobre a constituição da realidade se apresenta como o mais importante. É possível criar uma linha que liga Tales (no século VI a.C.) a Plotino (no século III d.C.), a partir da seguinte questão: *qual é o princípio fundamental que constitui tudo o que há?* Ou, de maneira ainda mais significativa, *o que é o Ser?* Ligado a ontologia, as questões epistemológicas, que dizem respeito ao conhecimento, e as discussões sobre a linguagem adquirem também seu valor. Elas se entrelaçam e se mostram indissociáveis, uma vez que “ser, pensar e dizer é o mesmo” (Parmênides, 1996, *Fragmento 3*).

Os campos da Ética e da Política também são igualmente importantes, uma vez que exibem a preocupação do mundo helênico no que diz respeito a busca por uma vida boa e feliz. As questões que permeiam essas discussões são: *que tipo de vida eu tenho que ter para viver bem? Que modelo de política e de organização das cidades oferece a melhor possibilidade de os cidadãos terem uma vida boa?* Quanto a essas questões, encontramos na Filosofia Antiga discussões variadas, por vezes complementares, mas também conflituosas:

[...] todas as filosofias helenísticas admitem, [com Sócrates] que os homens estão submersos na miséria, na angústia e no mal, porquanto estão na ignorância: o mal não está nas coisas, mas nos juízos de valor que os homens atribuem a elas. Trata-se de os homens cuidarem de mudar seus juízos de valor: todas essas filosofias se querem terapêuticas (Hadot, 1999, p. 154).

A lista de conceitos elaborados no intuito de responder tais questões é extensa e não teríamos a capacidade de comentar cada um deles aqui. Contudo, é possível destacar, dentre eles, aqueles que mais influenciaram os pensadores até os dias atuais: *arkhé, phýsis, aletheia, einai, devir, átomo, dialética, eidos, idea, agathós, ousía e ataraxia*. Os pensadores que os estabeleceram se encontram no hall dos principais filósofos da Grécia, com destaque especial para os nomes de Platão (428-348 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.). Esses dois autores se tornaram não apenas os pilares da Filosofia Antiga, mas de todo o pensamento ocidental, visto que engendraram discussões que vão influenciar as dinâmicas sociais até nos dias atuais.

A partir de Platão, a dimensão metafísica passa a ser pré-requisito fundamental para discutir as questões ontoepistemológicas. As suas hipóteses inteligíveis oferecem um fundamento invariável a transitoriedade da vida, permitindo modelos seguros de pensamento que possam nortear nossa vida individual e coletiva. Já com Aristóteles, sua preocupação metodológica em compreender tudo que acontece ao nosso redor, possibilitou o desenvolvimento de certos campos da ciência que até hoje são dependentes de suas investigações filosóficas. Desse modo:

[...] a importância atribuída a Platão e Aristóteles se justifica por terem iniciado uma tradição no mundo ocidental: pensar a verdade através da razão, deixando de lado o mito como forma possível de conhecimento. Dentro desta perspectiva, a verdade filosófica evoluiu no Ocidente e assumiu diversos aspectos em diferentes momentos. Primeiramente, um aspecto metafísico, ontológico onde a preocupação era o próprio ser, princípio de todas as coisas (Moraes, Arcello, 2000, p. 2).

É por conta de tudo isso que, no Brasil, a Filosofia Antiga tem um papel destacado na educação dos jovens do Ensino Médio. Filosoficamente, se envolver com as questões que esses pensadores elaboraram é adentrar no extenso campo das questões humanas que vão permear todo o mundo ocidental pelos próximos dois mil anos. Mais do que peças de museus que foram há muito esquecidas, os filósofos da Antiguidade permanecem bem vivos, se fazendo atuais na medida que levantam pontos de vistas interessantes a problemas que nos cercam.

Se analisarmos as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) e as colocarmos em paralelo com as provas realizadas pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), podemos perceber o papel de destaque que a Filosofia Antiga ocupa: das trinta temáticas que deverão ser abordadas pelos professores de Filosofia, ao menos cinco são diretamente ligadas a Antiguidade e outras dez possuem uma relação indireta (Macedo, 2021, p. 10). Ademais, mesmo quando não mencionada, a Filosofia Antiga se faz necessária para se entender discussões modernas e contemporâneas. O problema da linguagem, por exemplo, que se torna central após a virada linguística do século XX, já encontra precedentes no embate *phýsis* e *nomos* do século V a.C. (Cruz, 2018).

Assim, mesmo que o cenário do Novo Ensino Médio traga grandes transformações ao modo como os temas serão abordados em sala e cobrados nos diferentes exames (estaduais e nacionais) para ingresso em universidades, é certo que a Filosofia Antiga persistirá como recorte temporal necessário a ser lecionado por parte dos professores. O que será exigido, no entanto, é o uso de metodologias mais ativas e uma maior imersão nas novas tecnologias dispostas no mercado. O educador precisa, portanto, se reinventar metodologicamente, no intuito de passar conteúdos antigos, mas continuamente indispensáveis a formação dos estudantes:

Nos encontramos, também, em uma época em que são diversas as demandas do professor de filosofia que se encontra em meio a tantos recursos tecnológicos, principalmente no que diz respeito às TIC. Aparece então, a necessidade de pensar e lançar mão desses recursos para realizar, de uma maneira mais efetiva, atualizada e dinâmica a sua proposta pedagógica (Moraes, 2014, p. 10).

Desse modo, acreditamos que um Tesouro de Filosofia Antiga poderá ser um poderoso instrumento pedagógico de ensino, visto que ele oferecerá a capacidade de protagonismo dos estudantes, própria das metodologias ativas, em meio aos diferentes problemas, temas, conceitos e correntes de pensamento encontrados na Antiguidade.

3 Disposições gerais acerca do tesouro e a sua aplicabilidade

Aos moldes normativos e formais, o tesouro se caracteriza como uma linguagem artificial com fins documentários, servindo como ferramenta para a tradução de termos advindos de processos de indexação. Geralmente, em unidades de informação, as ferramentas de tradução conceitual utilizadas para a organização de acervos são únicas e desenvolvidas de modo interdisciplinar, considerando minimamente três grandes parâmetros: (a) a tipologia dos documentos adquiridos e/ou produzidos pela instituição; (b) a finalidade da instituição, quando a organização e a disseminação de informação; e (c) a ansiedade informacional do público-alvo da instituição.

No âmbito da Organização da Informação e do Conhecimento, o tesouro passa a ser conceituado por duas vertentes, sendo: (a) a primeira representada por instituições que buscam disseminar, padronizar e normalizar informações

científicas (ISO, 2011; ANSI/NISO, 2005; IBICT, 1984; IFLA, 2009); (b) a segunda representada por pesquisadores, visando entender o tesouro em sua plenitude, atribuindo experimentações teórico-práticas (Gomes, 1990; Currás, 2010; Dodebei, 2002; Hudon, 2009; Cervantes, 2009, Kobashi, 2003). Vejamos a seguir as definições do tesouro das principais vertentes institucionais e acadêmicas, conforme o Quadro 1:

Quadro 1 - Definições do tesouro com base nas vertentes Institucionais e Acadêmicas

INSTITUIÇÕES	DEFINIÇÕES
IBICT	O tesouro é definido como um “[...] vocabulário controlado e dinâmico abrangendo área específica do conhecimento. Em sua estrutura, patenteia as relações vigentes entre os termos ou descritores [...] que, no conjunto, constitui a linguagem de indexação” (IBICT, 1984, p. 5).
ANSI/NISO	Aponta o tesouro como um “[...] vocabulário controlado, organizado em uma ordem conhecida e estruturada de modo que os vários relacionamentos entre os termos sejam identificados e indicados claramente por meio de orientações normativas” (ANSI/NISO, 2005, p. 9).
ISO	Mostra o tesouro como um “[...] vocabulário estruturado em que os conceitos são representados e controlados por termos, organizados de modo que as relações entre os conceitos são explícitas, e os termos preferenciais são acompanhados com uma relação de sinônimos ou quase sinônimos” (ISO, 2011, p. 28)
GOMES (1990)	O tesouro é uma “[...] linguagem documentária dinâmica que contém termos relacionados semântica e logicamente, cobrindo de modo compreensivo um domínio do conhecimento” (Gomes, 1990, p. 16).
DODEBEI (2002)	O tesouro é uma lista de termos em que se indica sua classificação de acordo com as ideias que a representam, ou seja, um “[...] instrumento apropriado para transmitir conceitos e as relações recíprocas desses, semelhantemente ao que ocorre com os termos expressos na linguagem dos documentos” (Dodebei, 2002, p. 67).
CERVANTES (2009)	O tesouro é uma das linguagens documentárias mais utilizadas no processo de recuperação da informação em áreas gerais e específicas. Sua importância apoia-se no controle de terminologias que compõem os documentos de um SI especializado, e no emprego dos mesmos termos utilizados para representar os documentos que possuem os mesmos conceitos, quando a busca de um assunto é realizada (Cervantes, 2009).

Fonte: Elaborado pelos autores.

De modo geral, tanto as normas quanto os pesquisadores apontam que o tesouro exerce a função de vocabulário controlado usado nas ações de representação da informação para o auxílio da organização de termos/descriptores, com fins à organização de documentos. Vale ressaltar que essa prática é desenvolvida, em sua grande maioria, nas ações de indexação.

Os tesouros são caracterizados por ações relacionadas à abrangência temática do tema/assunto, à disposição ou organização do tema/assunto, entidade, ao nível de especificidade dos termos, e ao tipo de idioma utilizado. No que compete à abrangência temática do tema/assunto, Currás (2010) aponta três possibilidades: (a) multidisciplinares, mais de uma disciplina e com níveis distintos de importância; (b) especializados, relação terminológica muito concreta e áreas marginais; (c) exaustivos, consideram a maior parte dos termos possíveis da área controlada;

No que tange à disposição ou organização do tema/assunto de que o tesouro, três tipos de tesouros se destacam: (a) os alfabéticos, cujos termos preferidos e não preferidos dispostos em uma sequência única; (b) os sistemáticos, cujos descritores são estruturados em função de suas categorias ou hierarquias; (c) e os gráficos, que trazem as representações das relações entre os termos através de figuras, quadros, entre outros (Dodebei, 2002).

Quanto ao nível de especificidade dos termos, o tesouro classifica-se em (Kobashi, 1996): (a) macrotresouros, possuem um número elevado de termos remissivos em relação aos termos descritores; (b) microtesouros, possuem descritores, representam conceitos específicos e se referem a uma área restrita do saber.

Quanto ao idioma, os tesouros podem ser caracterizados como (Gomes, 1990): (a) monolíngues, compostos por um único tipo de idioma; (b) bilíngues, trazem dois idiomas; (c) multilíngues, composto por mais de dois idiomas sem limites quantitativos estabelecido.

Apesar das distinções, tanto a vertente institucional quanto a vertente acadêmica concordam, em sua maioria, que a estrutura do tesouro documental, contém: (a) *descritores*, palavras ou grupos de palavras que representam conceitos; (b) *definições*, enunciados atribuídos aos descritores para explicar o

conteúdo do conceito; (c) *relações*, interações entre termos que podem ser de caráter: (a) hierárquico, associativo e de equivalência. Os termos podem ser caracterizados como termos preferidos, termos autorizados que não são ambíguos ou polissêmicos; e termos não preferidos, entradas não autorizadas que remetem às formas autorizadas (Kobashi, 2001).

As definições dos termos preferidos são apresentadas pela sigla NE, denominada nota de escopo ou nota explicativa. Entende-se que através da definição de um conceito é possível estabelecer relacionamentos entre os conceitos que fazem parte de um domínio (Dodebei, 2002). A NE é empregada em algumas situações, segundo Lancaster, 2004:

- a) quando um significado de um termo parecer confuso. Ex.:

AFINADOR

NE: ferramenta utilizada para ajustar a altura das notas de um instrumento para que elas correspondam a outras notas, mesmo que tenham timbres diferentes.

- b) para palavras homógrafas, aquelas que tem a mesma grafia que outra mas com significado diferente. Ex.:

Solo

NE usado em agricultura.

Solo

NE usado em música.

Para um melhor entendimento das relações entre conceitos existentes entre tesouros, disponibilizamos a seguir um Quadro 2:

Quadro 2 - Relações conceituais existentes no tesouro

RELAÇÕES HIERÁRQUICAS	
É uma relação lógica que reúne conceitos que têm características comuns entre si. Baseia-se na superordenação e na subordinação.	
Símbolos	Exemplos
TG – Termo Geral TE – Termo específico	1) Relações genéricas: o TG designa uma classe de conceitos da qual faz parte o conceito designado pelo TE. Ex: BIBLIOTECAS TE Bibliotecas públicas BIBLIOTECAS PÚBLICAS TG Bibliotecas 2) Partitivas: (todo/parte): o TG designa um objeto ou um conceito do qual faz parte um objeto ou conceito designado pelo TE. Ex: SISTEMA SOLAR TE Planetas PLANETAS TG Sistema solar
RELAÇÕES ASSOCIATIVAS	
Relações entre pares de termos que não são membros de um conjunto de equivalência nem podem ser organizados em uma hierarquia onde o termo se subordina a outro.	
Símbolos	Exemplos
TR - Termo Relacionado ou TA - Termo associado	1) Antonímia: conceitos opostos. Ex: FRIO TR Calor 2) Genética: quando um conceito invariavelmente precede o outro. Ex: PAIS TR Filhos 3) Coordenação: conceitos derivados de um mesmo termo genérico. Ex: CAJU

	TR Abacaxi 4) Causa e efeito. Ex: ENSINO TR Aprendizagem 5) Relação instrumental entre uma operação ou processo e seu agente ou instrumento. Ex: PINTURA TR Pincel 6) Relação material: uma coisa dá origem a outra. Ex: VIDRO TR Espelho 7) Similaridade. Ex: ENSINO TR Treinamento
RELAÇÕES DE EQUIVALÊNCIA	
São relações estabelecidas entre termos com o mesmo sentido, ou quase o mesmo sentido (sinônimos), ou seja, é a relação entre o termo preferido e não – preferido.	
Símbolos	Exemplos
USE - Use UP – Usado Para	1) Indicar sinônimos preferidos. Ex. MERCADO FINANCEIRO UP Mercado de capitais → Não-descritor MERCADO DE CAPITAIS USE Mercado Financeiro → Descritor 2) Indicar uma preferência ortográfica ou explicar abreviaturas. Ex: CONTACTO USE Contato CONTATO UP Contacto 3) Indicar o uso da sigla em lugar da palavra por extenso e vice-versa. Ex: PVC USE POLIVINIL CLORIDO

Fonte: Adaptado de: Campos (2001); Lancaster (2004); Kobashi (2003); ANSI/NISO (2005); IBICT (1984); ISO (2011)

Em síntese, a relação conceitual entre os termos preferidos de um tesauro, utiliza a nomenclatura exposta no Quadro 3:

Quadro 3 - Síntese das relações conceituais entre termos preferidos de um tesauro

Termos	Português	Inglês
Termo Genérico	TG	BT
Termo Específico	TE	NT
Termo Relacionado	TR	RT
Nota Explicativa	NE	SN
Termo Usado Para	UP	UF
Use	USE	USE

Fonte: Adaptado de: Campos (2001); Lancaster (2004); Kobashi (2003); ANSI/NISO (2005); IBICT (1984); ISO (2011).

Quanto às etapas de construção de tesouros, destacamos os estudos feitos por Cervantes (2009) que analisou as teorias de construção de tesouros mais aplicadas na área da Ciência da Informação e sistematizou no Quadro 4.

Quadro 4 - Sistematização de etapas da construção de tesouros

Trabalho para eliminar Orientação Gerais/uso de equipamentos automático de processamento de dados:	Escolha do domínio e da língua do Tesouro; Delimitação do sub domínio; Estabelecimento dos limites da pesquisa terminológica temática; Consulta a especialista do domínio/subdomínio.
Método de compilação Abordagem de compilação:	Coleta do corpus do trabalho terminológico; Estabelecimento da árvore de domínio; Expansão da representação do domínio escolhido.
Registro de termos	Coleta e classificação de termos Escolha dos Termos preferidos e Termos não preferidos
Verificação de termos Admissão e explosão de termos especificidade:	Verificação, classificação e confirmação de termos; Elaboração de definições; Uso do vocabulário de especificidade para o estabelecimento de relações entre os descritores e de relações entre descritores e não descritores; Organização das relações entre descritores;

Forma de apresentação de um tesouro	Trabalho de apresentação do tesouro
--	-------------------------------------

Fonte: Cervantes (2009).

Entendemos que o modelo proposto por Cervantes (2009) atende prontamente aos requisitos necessários para a construção de um tesouro documental. Todavia, a pretensão desse estudo é propor a construção de um tesouro que atue para além dos fins de representação da informação, isto é, que atue também como recurso didático, pedagógico e/ou educacional – como mostra os estudos feitos por Felipe (2016) ao propor uma análise do tesouro enquanto gênero textual, identificando suas potencialidades educativas por meio da composição textual e da construção dos termos/conceitos, bem como das notas explicativas e notas de escopo.

O estudo Felipe (2016) evidencia que o uso Linguística Textual no processo de construção de termos/conceitos e notas explicativas/escopo, mediante o uso da teoria dos sintagmas nominais e da composição enunciativa das sequências textuais, corrobora para o desenvolvimento de um tesouro mais dinâmico e completo do ponto de vista informacional/educativo, por considerar os aspectos semânticos e sintáticos de modo mais completo.

Felipe (2016) e Felipe e Silva Neto (2019) identificam que os fatores que possibilitam a utilização de um tesouro aos moldes normativos, enquanto recurso educacional para identificação e entendimento da área de conhecimento representada, são: (a) a utilização de sintagmas nominais na concepção dos termos; e (b) a forte presença de elementos da sequência textual explicativa e descritiva nas notas explicativas/escopo.

Quanto aos sintagmas nominais, entendemos que seu uso no desenvolvimento dos termos é necessário quando nas ações de estabelecimento dos aspectos conceituais de genericidade e especificidade, visto que, ele proporciona uma maior adequação do conceito a real significação escolhida para o termo preferido do tesouro, mesmo que o termo fique extenso.

Já o uso das teorias das sequências textuais proporciona de modo adequado, a elaboração das Notas Explicativas, mediante a composição

conceitual do termo preferido em questão, tendo em vista as especificidades, ou seja, quanto mais geral o termo, haverá a predominância da sequência textual explicativa, e quanto mais específico o termo, terá a predominância da sequência textual descritiva. Vejamos um exemplo prático no Quadro 5.

Quadro 5 - Tipologia dos termos do Ágora

Tipologia dos Termos	Exemplo de Descritores	Observações referentes às Notas Explicativas
Termo Geral / Predominância da sequência textual explicativa	NEO-ARISTOTELISMO NE: O <i>Neo-Aristotelismo</i> é uma corrente filosófica do <i>Sincretismo</i> que visa promover uma releitura da filosofia de Aristóteles e do Aristotelismo conforme as novas exigências históricas do período a qual se encontra. TE: Alexandre, o aristotélico	No destaque da NE percebemos uma forte característica da sequência explicativa, como: a constituição de um objeto a ser explicado e dos papéis de sujeito que explica e/ou se dirige a explicação, e/ ou que a recebe.
Termo específico / Predominância da sequência textual descritiva	ALEXANDRE, O ARISTOTÉLICO NE: Foi um filósofo aristotélico e um dos mais importantes comentadores das obras de Aristóteles no período do <i>Sincretismo</i> TG: Neo-Aristotelismo	No destaque da NE percebemos uma forte característica da sequência descritiva como: a denominação do objeto, e a fragmentação e/ou a qualificação dos aspectos do objeto.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Vale ressaltar que o Tesouro do Folclore e da Cultura Popular (Brasil, 2004) está entre os primeiros tesouros que estabelecem indícios de uma ruptura do modo tradicional do tesouro terminológico, acrescentado elementos textuais de caráter didático/pedagógico, caracterizando-se como um tesouro com fins educacionais.

A proposta de considerar o tesouro como um instrumento capaz de ser educativo já foi discutida de maneira incipiente nos estudos de Felipe (2016), Felipe e Silva Neto (2019) e Felipe e Cruz (2022), em que defendem a possibilidade de se repensar o tesouro enquanto para além do âmbito institucional, enquanto ferramenta que pode atuar como instrumento que auxilia na compreensão dos conceitos fundamentais que permeiam temas variados, nos

setores da educação e cultura. Para isso, no entanto, tais autores acreditam que isso só é possível mediante a interdisciplinaridade com a Linguística e outras áreas correlatas, sendo capaz de promover o entendimento dinâmico e contextual da área do conhecimento escolhida e fornecendo sobre a equipe desenvolvedora e o referencial teórico adotado.

4 Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa se apresenta como um estudo bibliográfico de base descritiva, cujo objetivo é, de acordo com Lakatos (2003), formular questões e problemas no intuito de desenvolver hipóteses, e descreve as etapas desenvolvidas para a elaboração do Tesouro Ágora. Nesse caso específico, a problemática que norteou toda a pesquisa foi os instrumentos pedagógicos que podem ser utilizados pelos professores de Ensino Médio para o ensino da Filosofia Antiga. A hipótese é de que o Tesouro em Filosofia Antiga – o Ágora – pode se tornar um poderoso aliado na *práxis* educacional de tais professores.

Considerando as semelhanças e diferenças entre o glossário e o tesouro, optamos pela elaboração deste em detrimento daquele por conta da sua estrutura dinâmica, capaz de interrelacionar os conceitos. Para além de definir os termos, o tesouro é capaz de estabelecer uma interface entre ideias, possibilitando um mapeamento temático que, aos nossos olhos, pode contribuir como um recurso metodológico de ensino, desde que se realize algumas alterações importantes na estrutura tradicional do tesouro institucional.

Para garantir a estruturação do Ágora de modo a esses novos aspectos, consideramos a inclusão da teoria da Linguística Textual (Felipe, 2016; Felipe; Silva Neto, 2019) para o desenvolvimento dos termos, conceitos, notas explicativas e notas de escopo, bem como as diretrizes de construção de tesouros sob o viés de pesquisadores e das normas internacionais de padronização (Currás, 2010; Cervantes, 2009; ISO, 2011; ANSI/NISO, 2005). Já no que diz respeito à elaboração do conteúdo presente nas normas explicativas, utilizamos os principais manuais de História da Filosofia Antiga (listados no Quadro 3), visto que esclarecem conceitos complexos de maneira mais objetiva e didática. Será

justamente por meio dessas notas que o professor do Ensino Médio poderá se valer do tesauro para o processo de ensino da Filosofia Antiga.

Assim, com base no exposto, as etapas metodológicas da pesquisa foram divididas em quatro etapas, a saber: (a) seleção e escolha dos recursos bibliográficos para o desenvolvimento do tesauro; (b) o levantamento dos termos e atribuição de conceitos fundamentais; (c) etapa de categorização que estrutura os descritores do Tesouro Ágora; e (d) utilização do software THESA para a construção do Tesouro de Filosofia Antiga.

5 Resultados e discussão

Os resultados foram problematizados e discutidos em cada uma das quatro etapas metodológicas propostas pela pesquisa, como são descritas a seguir.

5.1 Seleção e escolha dos recursos bibliográficos para o desenvolvimento do ÁGORA

No que diz respeito aos procedimentos que tomamos para obtenção dos dados da pesquisa, utilizamos o método bibliográfico que realiza o levantamento e a indicação de termos racionados ao universo filosófico da Antiguidade e suas definições. Os textos mais utilizados foram os Manuais de História da Filosofia Antiga, visto sua maneira didática de apresentar os conteúdos.

A análise conceitual proposta por Lancaster (2004) ofereceu os procedimentos que correspondem a primeira etapa do processo de indexação, contribuindo para a escolha das obras que serviram como base para o desenvolvimento do tesauro. Os procedimentos utilizados foram: (a) título; (b) subtítulo; (c) sumário; (d) introdução; (e) prefácio; (f) apresentação; (g) título dos capítulos; e (h) referências.

As obras utilizadas para o controle do vocabulário semântico e conceitual das principais correntes e pensadores da Filosofia Antiga foram escolhidas com base na relevância que possuem no cenário do ensino de Filosofia Antiga no Brasil. Elas se encontram dispostas no Quadro 6.

Quadro 6 - Fontes de informação utilizadas para a coleta de termos candidatos ao tesouro

- BORNHEIM, G (Org.). **Os filósofos Pré-Socráticos**. São Paulo: Cultrix, 1985
- BRÉHIER, E. **Historia de la Filosofia**. Trad. de Demetrio Nañez. Prólogo de José Ortega y Gasset. Buenos Aires. Editorial Sudamericana. 1942 (Vol. I).
- BURNET, J. **A aurora da Filosofia Grega**. Trad. de Vera Ribeiro, Agatha Bacelar, Henrique Cairus, Agatha Bacelar e Tatiana Oliveira Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2006.
- CASERTANO, G. **Os Pré-Socráticos**. Trad. de Maria da Graça Gomes de Pina. São Paulo: Loyola, 2011b (Coleção Sabedoria Antiga).
- CONFORD, F. **Principium sapientiae**: as origens do pensamento filosófico grego. Trad. de Maria Manuela Rocheta do Santos. Pref. de W. C. K. Guthrie. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.
- GOMPERZ, T. **Os pensadores da Grécia**: história da Filosofia Antiga. Trad. de José Ignácio Coelho Mendes Neto. 1 ed. São Paulo: Icone, 2011. Tomo I: Filosofia Pré-Socrática. (Obra completa em 3 volumes).
- GOMPERZ, T. **Os pensadores da Grécia**: história da Filosofia Antiga. Trad. de Cláudio J. A. Rodrigues. 1 ed. São Paulo: Icone, 2013. Tomo II: filosofias socráticas e Platônicas. (Obra completa em 3 volumes).
- GOMPERZ, T. **Os pensadores da Grécia**: história da Filosofia Antiga. Trad. de Gabriela Mei Edel. 1 ed. São Paulo: Icone, 2014. Tomo III: Filosofia Aristotélica. (Obra completa em 3 volumes).
- GUTHRIE, W. K. C. **History of Greek Philosophy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969 (Vol. III).
- HADOT, P. **O que é a Filosofia Antiga?** São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- LAËRTIOS, D. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Intr., trad. e notas de Mário da Gama Kury. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- REALE, G. **História da Filosofia Antiga I**: Das Origens a Sócrates. Trad. de Marcelo Perine. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993. (Obra completa em 5 volumes).
- REALE, G. **História da Filosofia Antiga II**: Platão e Aristóteles. Trad. de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994a. (Obra completa em 5 volumes).
- REALE, G. **História da Filosofia Antiga III**: Os sistemas da Era Helenística. Trad. de Marcelo Perine. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994b. (Obra completa em 5 volumes).
- REALE, G. **História da Filosofia Antiga IV**: As escolas da Era Imperial. Trad. de Marcelo Perine e Henrique Cláudio de Lima Vaz. 9 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994c. (Obra completa em 5 volumes).
- REALE, G. **História da Filosofia Antiga V**: Léxico, Índices e Bibliografia. Trad. de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1995. (Obra completa em 5 volumes).
- VERNANT, J. P. **As origens do pensamento grego**. Trad. de Ísis Borges B. da Fonseca. 22 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2015.

Fonte: Elaborado pelos autores.

5.2 Levantamento de termos e atribuição de conceitos

Para o levantamento dos conceitos e determinação dos termos preferidos e não preferidos ou autorizados e não autorizados, buscou-se encontrar as palavras que melhor referenciam as correntes e pensadores da Filosofia Antiga a partir de uma

leitura técnicas dos principais manuais da área. Para isso, foi necessário mapear os termos com maior ocorrência. Desse modo, certos nomes de filósofos foram deixados de lado e outros foram necessariamente incorporados: é o caso, por exemplo, dos filósofos naturalistas que se apresentam em um número destacado, mas que apenas poucos tiveram, de fato, uma importância para o desenvolvimento da Filosofia.

Do mesmo modo, certas correntes dos períodos helenísticos e tardio foram deixadas de lado, uma vez que, de acordo com os manuais, não demonstram uma relevância destacada. Ademais, algumas palavras foram mantidas na língua original, visto que a correspondência na língua portuguesa faria perder seu sentido originário. É o caso de *phýsis*, comumente traduzida por “natureza”, e *logos*, palavra polivalente, rica de significados, que é traduzida por “razão”, “pensamento” e até “palavra”. Seja como for, o termômetro norteador foram os manuais de História da Filosofia e os termos que eles usavam ou deixavam de usar.

5.3 Categorização: estruturação dos descritores do Ágora

Os manuais de História da Filosofia Antiga costumam distinguir ao menos cinco fases, momentos ou períodos fundamentais da Filosofia Antiga: *Naturalismo*, *Humanismo*, *Sintetismo*, *Helenismo* e *Sincretismo*. Cada um desses períodos se dedica a responder problemas específicos, oriundos do desenvolvimento históricos e das relações com outros povos, engendrando inúmeras correntes de pensamento e diversos autores.

A nível de conceituação, podemos definir esses períodos de acordo com o objeto de estudo a qual se dedicam:

- a) o *Naturalismo* busca estudar a natureza e tenta encontrar, por meio da razão, um princípio que deu origem a tudo que nos cerca;
- b) o *Humanismo* pretende analisar o humano e suas múltiplas características – aquilo que nos diferencia dos demais seres vivos e nos dota da capacidade de pensar e nos organizar em grupos sociais;
- c) o *Sintetismo* é o período de maior florescimento filosófico da antiguidade, visto que os seus pensadores procuraram construir, por meio de uma

mesma matriz conceitual, respostas para as mais diversas perguntas levantadas pela humanidade;

- d) o *Helenismo* é o período de crise da antiguidade, pois a expansão da cultura para outros povos promoveu a diluição do conceito de Cidade que era fundamental para os gregos se constituírem como um povo;
- e) o *Sincretismo* que busca unir elementos da cultura helênica (ou indo-europeia) e a cultura semita.

O Ágora seguirá essa divisão histórica por realçar, de maneira didática, os elementos essenciais de cada fase da Antiguidade. Ele será Monolíngue e contará com um total de 126 termos apresentados em ordem alfabética – sendo 93 “Preferidos” e 33 “Não Preferidos” – e terá como público-alvo professores de Filosofia do Ensino Médio que buscam alternativas mais didáticas de ensino do conteúdo correspondente a Filosofia Antiga e seus desdobramentos para a história do pensamento ocidental. A escolha dos termos preferidos e não preferidos, bem como o uso e o desuso de certos autores e correntes de pensamento, seguem os principais manuais e sites dispostos no quadro supracitado.

Deixaremos de fora o período Mítico ou Pré-Filosófico por não se tratar exatamente da atividade filosófica e se valer do mito na tentativa de responder aos principais questionamentos. É por isso que o usuário não encontrará no Ágora os nomes de Homero, Hesíodo, Píndaro, Arquíloco e outros poetas – figuras importantes para a cultura helênica, mas que não são exatamente filósofos. Do mesmo jeito, os dramaturgos – da Tragédia e da Comédia – não encontraram espaço no presente tesouro: é inegável suas contribuições para o desenvolvimento de certas filosofias, mas suas obras são essencialmente artísticas e não filosóficas.

Certas correntes são mais gerais do que os pensadores que as nomearam, porque elas são construções coletivas de um pensamento ou tese filosófica. Assim, o Heraclitismo é mais geral do que Heráclito, o Platonismo é mais geral do que Platão, o Aristotelismo é mais geral do que Aristóteles, etc.

As notas explicativas são sintéticas ao ponto de revelarem apenas o essencial de cada autor ou corrente filosófica. Os termos destacados em *itálicos* são referências a outros descritores encontrados no tesouro, oferecendo ao leitor a possibilidade de conectar os descritores de maneira histórica e conceitual. As

siglas utilizadas para representar a estrutura relacional entre os descritores estão apresentadas no Quadro 7.

Quadro 7 - Conceitos e agrupamentos das abreviaturas do Ágora

NE	Nota Explicativa (ou Nota de Escopo): indica o significado específico de um termo dentro de uma linguagem de indexação. É principalmente por meio dele que acreditamos ser possível tornar um tesauro um instrumento pedagógico.
UP	Usado para: usado para o termo que segue é um sinônimo ou um quase-sinônimo do termo preferido. Indica os termos não preferidos.
TG	Termo Geral: o termo que se refere a um conceito com conotação mais ampla, superordenado.
TR	Termo Relacionado: termo que está associado a outro, mas não é nem sinônimo, nem termo genérico ou termo específico. Não são membros de um conjunto de equivalências, e nem podem ser organizados em uma hierarquia.
TE	Termo Específico: o termo que se refere a um conceito com conotação mais específica, subordinado.
USE	Remete de um termo não preferido a um termo preferido: é o termo preferido quando se deve escolher entre sinônimos ou quase-sinônimos.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A apresentação de todos os descritores inviabilizaria este trabalho devido toda a sua extensão. Contudo, vale ressaltar, o Ágora se encontra disponível no Tesauro Semântico Aplicado THESA. No Quadro 8, a título de exemplificação, segue um recorte de descritores do Ágora:

Quadro 8 - recorte de descritores do Ágora: Tesouro de Filosofia Antiga

PLATÃO

NE: Platão foi discípulo de *Crátilo* e de *Sócrates*. Sua filosofia buscou unir os problemas levantados pela relação *Heráclito* e *Parmênides*. Ele apontou a existência de uma realidade inteligível, transcendental, que corresponde à verdade. Essa realidade é composta por ideias que possuem as características do Ser Parmenídico; por outro lado, a natureza ao nosso redor não passa de uma mentira, uma cópia das ideias inteligíveis. Essas coisas que são percebidas por meio dos sentidos possuem as características propostas por *Heráclito* quanto a realidade da natureza, isto é, passíveis de mudança e destruição. Platão criou uma escola para homens adultos, a Academia, e teve como alunos *Aristóteles*, *Eudoxo*, *Espeusipo*, *Xenócrates* e outros.

TG: Platonismo

TR: Antioco, o platônico

Carneades

Espeusipo

Eudoxo

Xenócrates

UP: Aristóteles

PLATONISMO

NE: O *Platonismo* é uma corrente filosófica desenvolvida nos séculos V-VI a.C. pela figura de *Platão* e sua tentativa sistemática de compreender e apresentar a realidade. *Platão* apontou a necessidade de outro plano (das ideias) para compreender a natureza e as relações éticas, morais e políticas que estruturam a sociedade. Dentre os maiores expoentes do *Platonismo*, destaca-se (além de *Platão*): *Antioco* (o platônico), *Carneades*, *Espeusipo*, *Eudoxo* e *Xenócrates*.

TG: Sintetismo

TR: Aristotelismo

TE: Antioco, o platônico

Carneades

Espeusipo

Eudoxo

Platão

Xenócrates

UP: Acadêmicos

PLOTINO

NE: Um dos mais importantes pensadores do período do *Sincretismo*. Sua filosofia segue três princípios: o Uno, o Intelecto e a Alma do Mundo. A originalidade do pensamento de Plotino está em sua releitura de *Platão* e *Aristóteles* sobre a natureza do Intelecto e sobre o "além do Intelecto", ou seja, o Uno. Os historiadores do século XIX cunharam o termo *Neo-Platonismo* que foi aplicado a ele e à sua filosofia, muito influente durante toda a antiguidade tardia.

TG: Neo-Platonismo

TR: Porfírio

Proclo

PLURALISMO

NE: O *Pluralismo* é uma corrente de pensamento do período do *Naturalismo* que dedica a responder à pergunta da origem da natureza por meio de uma mistura de elementos encontrados no mundo. Os principais filósofos são *Empédocles*, *Anaxágoras* e a escola do *Atomismo*.

TG: Naturalismo

TR: Ecletismo físico

Monismo

Ordenismo

TE: Anaxágoras

Atomismo
Empédocles
UP: Pluralistas

PLURALISTAS

USE: Pluralismo

PORFÍRIO

NE: Um dos principais discípulos de *Plotino* e comentador das obras de *Platão* e de *Aristóteles* no período Romano.

TG: Neo-Platonismo

TR: Plotino
Proclo

PRÉ-SOCRÁTICOS

USE: Naturalismo

PROCLO

NE: Proclo foi seguidor do *Neo-Platonismo*, unindo o pensamento de *Platão* e de *Plotino* e concepções oriundas da tradição Semita.

TG: Neo-Platonismo

TR: Porfírio
Plotino

PRÓDICO

NE: Pródico foi um dos mais importantes membros do *Sofismo*. Conta-se que suas investigações giravam em torno da gramática e do ato de conceituar. *Platão* cita seu nome diversas vezes em seus diálogos e há uma tradição que o aponta como possível mestre de *Sócrates*.

TG: Sofismo

TR: Górgias
Hípias, o sofista
Protágoras

PROTÁGORAS

NE: Protágoras foi o mais importante membro do *Sofismo*. Criador do método da antilogia, esse pensador pregava o relativismo ético e afirmava poder ensinar a defender argumentos fracos e fortes.

TG: Sofismo

TR: Górgias
Hípias, o sofista
Pródico
Protágoras

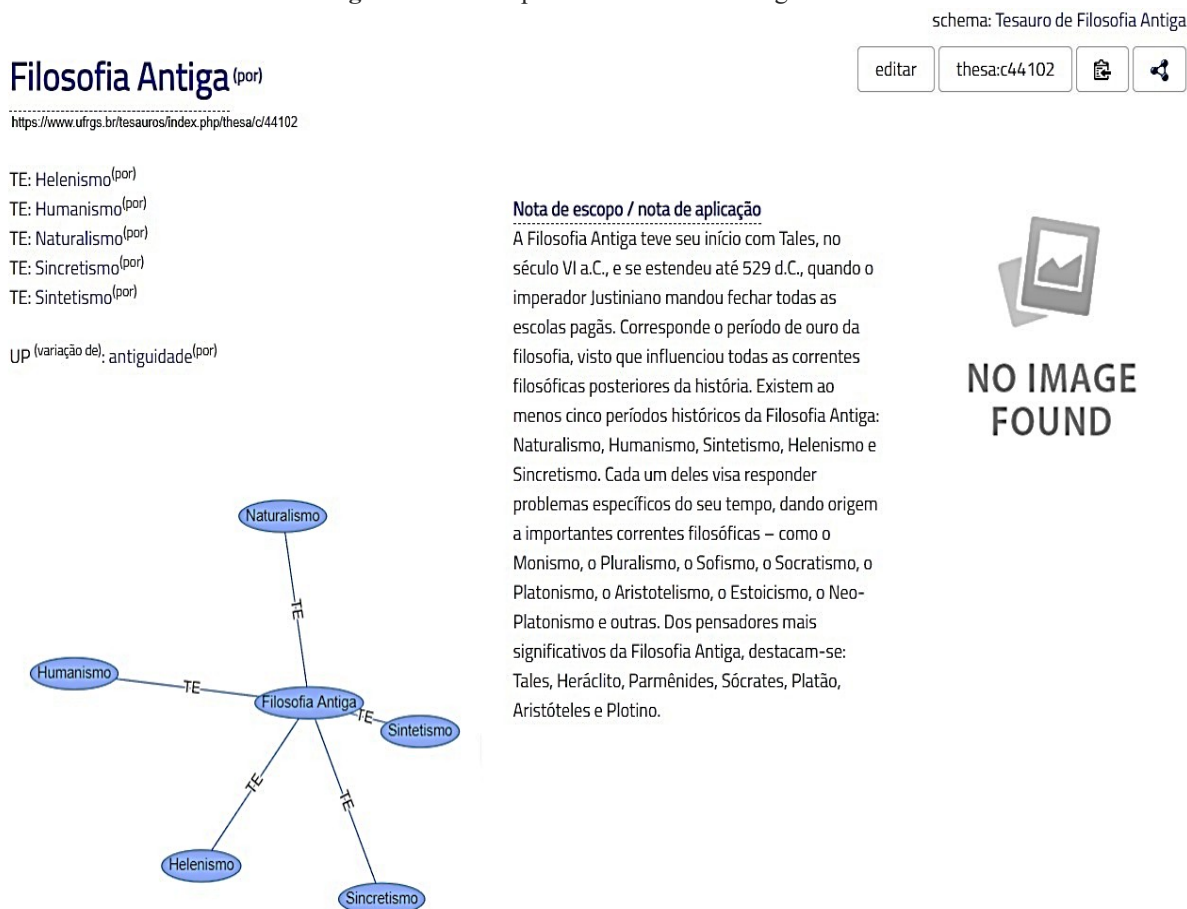
Fonte: Elaborado pelos autores.

5.4 Utilização do tesauro semântico aplicado THESA para a construção do Ágora

O software escolhido para hospedar o Ágora: Tesouro de Filosofia Antiga foi o Tesouro Semântico Aplicado THESA, versão 0.20.05.18, desenvolvido pela Universidade Federal Rural do Rio Grande do Sul. Os critérios que foram considerados para o seu uso foram: (a) a acessibilidade fácil e prática aos descritores, visto que ele se encontra disponível na internet; (b) a disponibilização da impressão ou visualização do tesauro de maneira integral, para fins institucionais ou pessoais; e (c) por conta do processo de gerenciamento terminológico que apresenta, dentre seus diferentes atributos, a atualização e a retirada de termos, o uso de mapa conceitual e a apresentação sistemática dos termos e da ficha terminológica.

A seguir, para fins didáticos, segue um exemplo do Ágora: Tesouro de Filosofia Antiga na plataforma THESA:

Figura 1 - Termo preferido Filosofia Antiga



Fonte: Elaborado pelos autores.

Para além da apresentação das notações terminológicas (NE, TG, TE, UP, entre outros), a plataforma Thesa permite visualizar os termos e suas relações por meio de um mapa conceitual, auxiliando o usuário na escolha do termo. No caso do Ágora, em especial, esse mapa ilustra, de maneira mais objetiva, as relações entre as correntes filosóficas e os principais pensadores vinculados a elas. Os alunos, portanto, podem compreender de maneira didática tais conexões, facilitando o processo de aprendizagem.

6 Considerações finais

A Filosofia Antiga ocupa um lugar de destaque nas discussões dos principais problemas filosóficos ligados ao mundo ocidental. Os conceitos, autores e correntes teóricas que correspondem a esse recorte temporal são de profunda influência para o pensamento filosófico dos últimos dois mil anos, colaborando para a consolidação de práticas religiosas, científicas e políticas.

No que diz respeito ao Ensino Médio brasileiro, a Filosofia Antiga se apresenta igualmente importante, visto que a OCEM e o ENEM a colocam em lugar privilegiado, oferecendo a premência do seu ensino por parte dos professores. Contudo, o seu ensino se encontra passando por grandes transformações metodológicas, que prezam por uma prática mais ativa por parte dos estudantes. O uso das novas tecnologias é indispensável nesse processo educacional, promovendo um diálogo mais direto com o cotidiano desses jovens que se encontram imersos no âmbito digital.

Na busca de oferecer novos instrumentos pedagógicos aos professores de Filosofia no novo Ensino Médio brasileiro, a presente pesquisa propôs a elaboração do Ágora, um tesouro em Filosofia Antiga. O tesouro surge como uma linguagem documentária com fins à recuperação de informação, mas também pode ser visto como um poderoso aliado educacional, uma vez que as notas explicativas podem oferecer definições objetiva de conceitos e correntes filosóficas importantes, tudo ligado a partir de relações lógico-semânticas. O Ágora, nesse sentido, oferece o acesso rápido a diversos termos importantes da Filosofia Antiga, conectando-os e explicando-os de uma maneira prática e direta.

Isso promove o resgate da Filosofia em sua pluralidade, exibindo as diferenças e semelhanças que as correntes de pensamento possuem ao decorrer dos tempos.

Por fim, destacamos que, em relação às pesquisas vindouras, tem-se a pretensão de se aplicar o Tesouro Ágora em escolas pernambucanas, tanto de ensino público quanto privado. O objetivo será avaliar o seu uso como metodologia de ensino, destacando suas qualidades e defeitos. Esperamos, com isso, descobrir novas formas de aperfeiçoar o Ágora, bem como possibilitar o florescimento de outras pesquisas que buscam repensar o uso do tesouro para além do âmbito institucional.

Referências

AMERICAN NATIONAL STANDART INSTITUTE (ANSI); NATIONAL INFORMATION STANDARTS ORGANIZATIONS (NISO). **ANSI/NISO Z39.19**: guidelines for the construction, format, and management of monolingual controlled vocabularies. New York: ANSI, 2005.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Tesouro de folclore e cultura popular**. Brasília: Ministério da Cultura, 2004.

BURNET, J. **A aurora da Filosofia Grega**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

CAMPOS, M. L. de A. **Linguagem documentária que fundamentam sua elaboração**. Niterói: EdUFF, 2001.

CERVANTES, B. M. N. **A construção de tesouros com a integração de procedimentos terminográficos**. 2009. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2009.

CURRÁS, E. **Ontologias, taxonomia e tesouros em teoria de sistemas e sistemática**. Brasília: Thesaurus, 2010.

DODEBEI, V. **Tesouro**: linguagem de representação da memória documentária. Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

FELIPE, A. **O gênero tesouro**: um modelo de avaliação linguística. 2016. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

FELIPE, A. A. C.; CRUZ, M. B. Elaboração do tesouro do frevo. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 8, n. 3, p. 9-33, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.56837/fr.2022.v8.n3.901> . Acesso em: 20 out. 2023.

FELIPE, A. A. C.; SILVA NETO, J. A dimensão textual do gênero tesouro: uma análise da estruturação composicional e sequencial do tesouro da justiça eleitoral. *In: ALBUQUERQUE, M.; MARTINS, G.; MOTA, D. Organização e representação da informação e do conhecimento: intersecções teórico-sociais.* João Pessoa: Ed. UFPB, 2019.

GOMES, H. (coord.). **Manual de elaboração de tesouros monolíngues.** Brasília: Programa Nacional de Bibliotecas das Instituições de Ensino Superior, 1990.

GOMPERZ, T. **Os pensadores da Grécia:** história da Filosofia Antiga. São Paulo: Icone, 2011. Tomo I: Filosofia Pré-Socrática.

GOMPERZ, T. **Os pensadores da Grécia:** história da Filosofia Antiga. São Paulo: Icone, 2013. Tomo II: filosofias socráticas e Platônicas.

GOMPERZ, T. **Os pensadores da Grécia:** história da Filosofia Antiga. São Paulo: Icone, 2014. Tomo III: Filosofia Aristotélica.

HADOT, P. **O que é filosofia antiga?** São Paulo: Loyola, 1999.

HUDON, M. **Guide pratique pour l'elaboration d'un thesaurus documentaire.** Québec: Asted, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IBICT). **Diretrizes para elaboração de tesouros monolíngues.** Brasília: IBICT, 1984.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Guidelines for multilingual thesauri.** Netherlands: IFLA Headquarters, 2009.

INTERNATIONAL STANDART ORRGANIZATION (ISO). **ISO 25964-1.** Data model for the structure of an information retrieval thesaurus. New York: ISO, 2011.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2003.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos:** teoria e prática. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

KOBASHI, N. Análise documentária e representação da informação. **Informare - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação,** Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 5-27, 1996.

KOBASHI, N. **Manual de tesouros.** São Paulo: FAPESP - Incubadora Virtual de Conteúdos Digitais, 2001.

KOBASHI, N. **Metodologia de construção de tesouros**. Brasília: Senado Federal, 2003.

MACEDO, E. P. N. Filosofia nas orientações curriculares para o Ensino Médio e no Enem: lacunas temporais e conceituais. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 47, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147228013> . Acesso em: 20 out. 2023.

MEUCCI, A.; BARROS FILHO, C. O que “Ensinar Filosofia” quer dizer? **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, São Paulo, n. 13, p. 76-92, nov. 2009/abr. 2010. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.v0i13.4386> . Acesso em: 20 out. 2023.

MORAES, A. F.; ARCELLO, E. N. O conhecimento e sua representação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 1-11, 2000.

MORAES, S B. A. **O Ensino de filosofia e as TIC**: reflexões a partir de experiências do PIBID - Filosofia da UFSM. Santa Maria: UFSM, 2014.

PARMÊNIDES. Fragmento 3. In: SOUZA, J. C (org.). **Os Pré-Socráticos**: fragmentos, doxografia e comentários. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

REALE, G. **História da Filosofia Antiga I**: das origens a Sócrates. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1993.

REALE, G. **História da Filosofia Antiga II**: Platão e Aristóteles. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1994a.

REALE, G. **História da Filosofia Antiga III**: os sistemas da Era Helenística. 10. ed. São Paulo: Loyola, 1994b.

REALE, G. **História da Filosofia Antiga IV**: as escolas da Era Imperial. 9 ed. São Paulo: Loyola, 1994c.

REALE, G. **História da Filosofia Antiga V**: léxico, índices e bibliografia. 10. ed. São Paulo: Loyola, 1995.

SANTOS, D. R.; OLIVEIRA, K. F.; SOARES, Z. C. B. Desafios enfrentados pelos professores no cenário pandêmico e no pós-pandemia: professores e os desafios encontrados em tempo de pandemia. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 15, p. 1-8, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i15.23083> . Acesso em: 20 out. 2023.

Preparation of the Ágora Thesaurus of Ancient Philosophy: steps and pedagogical dimensions

Abstract: This article proposes the development of an Ancient Philosophy Thesaurus – the Ágora – to be used as a pedagogical teaching tool, which the High School Philosophy teacher can use as a methodological resource for more dynamic and participatory classes. The problem originates from the implications of teaching practice in the current national scenario, marked by political and ideological disputes, as well as the complete adoption of new technologies by students. The research is theoretical in nature and with a qualitative approach, and is configured, according to the means and ends, as bibliographic and descriptive, respectively. To guarantee the structuring of the thesaurus in order to meet the educational aspect, the theory of Textual Linguistics was included, as well as the guidelines for constructing thesauruses based on the bias of researchers and international standardization standards, such as ISO. The methodological stages of the research were divided into four: the selection and choice of bibliographic resources; the survey of terms and attribution of fundamental concepts; the categorization stage that structures the thesaurus descriptors; and the use of THESA software to build the Thesaurus. The conclusion we reach is that Ágora proves to be a powerful educational ally, since the explanatory notes can offer objective definitions of important concepts and philosophical currents, interconnected based on logical-semantic relationships.

Keywords: ancient philosophy thesaurus, Ágora thesaurus, high school philosophy, preparation of thesauruses, THESA

Declaração de autoria

Concepção e elaboração do estudo: André Anderson Cavalcante Felipe, Marcílio Bezerra Cruz, Jhoicykelly Roberta Pessoa Silva Cruz

Coleta de dados: André Anderson Cavalcante Felipe, Marcílio Bezerra Cruz, Jhoicykelly Roberta Pessoa Silva Cruz

Análise e interpretação de dados: André Anderson Cavalcante Felipe, Marcílio Bezerra Cruz, Jhoicykelly Roberta Pessoa Silva Cruz

Redação: André Anderson Cavalcante Felipe, Marcílio Bezerra Cruz, Jhoicykelly Roberta Pessoa Silva Cruz

Revisão crítica do manuscrito: André Anderson Cavalcante Felipe, Marcílio Bezerra Cruz, Jhoicykelly Roberta Pessoa Silva Cruz

Autoria para correspondência

André Anderson Cavalcante Felipe

andre.anderson@ufpe.br

Como citar

FELIPE, André Anderson Cavalcante; CRUZ, Marcílio Bezerra; CRUZ, Jhoicykelly Roberta Pessoa Silva. Elaboração do Tesouro de Filosofia Antiga Ágora: etapas e dimensões pedagógicas. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 31, e-138854, 2025. <https://doi.org/10.1590/1808-5245.31.138854>

Recebido: 28/02/2024

Aceito: 09/12/2024

